**O PAPEL DO ACOMPANHATE TERAPÊUTICO NO CONTEXTO ESCOLAR A PARTIR DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO- RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**ANA JANIELLY CARVALHO DOS SANTOS**

**ELIEMARY DE AGUIAR MESQUITA**

 **FLÁVIA LENDENGUE DE MATOS REGALADO**

**MARIA JOSÉ PEREIRA DE SOUSA**

 **TÂMILA MIKAELLE DA SILVA**

**RESUMO**

A prática do acompanhante terapêutico surgiu juntamente ao processo de desinstitucionalização da saúde mental. A atuação do acompanhante terapêutico se limitava as pessoas que sofriam transtornos mentais graves, e por esse motivo eram excluídas da sociedade, mas, atualmente, os mesmos ganham espaço em diversos campos, tais como: escola, clínicas, hospitais dentre outros. Mediante a abordagem analítico-comportamental, sua atuação exige conhecimento teórico e prático que lhe dá acesso às informações e aos dados que discriminam as relações do sujeito com o ambiente e suas relações sociais, aumentando a frequência do comportamento de adesão ao tratamento. O objetivo geral desse seguinte estudo é compreender o papel do (AT) no contexto escolar de acordo com análise do comportamento. E especificamente descrever as práticas profissionais do AT e sua origem, apresentar a relação do acompanhante terapêutico em análise do comportamento, e por fim analisar o papel do acompanhante terapêutico no contexto escolar. A metodologia utilizada no estudo foi a pesquisa qualitativa e bibliográfica no acervo eletrônico, averiguando os procedimentos de busca, critérios de seleção e o material selecionado para analisar os dados da pesquisa. Nos resultados foram encontradas as práticas profissionais do acompanhante terapêutico no contexto escolar de acordo com a análise do comportamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO, INCLUSÃO ESCOLAR, ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

 **ABSTRACT**

The practice of therapeutic companion came with the mental health deinstitutionalization process. The practice took place for laypeople and soon after was used by students of health. The performance of the therapeutic companion was limited to people suffering severe mental disorders, and therefore were excluded from society, but currently operates in various fields such as schools, clinics, hospitals and others etc. Through behavior-analytic approach, its action requires theoretical and practical knowledge that gives you access to information and data that discriminate against the subject's relations with the environment and their social relations, increasing the frequency of the behavior of adherence to treatment. The general objective of this next study is to understand the role of (AT) in the school context according to behavior analysis. And specifically describe the OT professional practices and its origin, present the relationship of therapeutic companion in behavior analysis, and finally analyze the role of therapeutic companion in the school context. The methodology used in the study was qualitative and literature in the electronic collection, checking the search procedures, selection criteria and the selected material to analyze the survey data. The results were found the professional therapeutic companion practices in the school context according to the analysis of behavior.

**KEYWORDS:** THERAPEUTIC COMPANION, SCHOOL INCLUSION, ANALYSIS BEHAVIOR

**1. INTRODUÇÃO**

O interesse por esse tema surgiu a partir do momento que uma das acadêmicas começou a estagiar como AT (acompanhante terapêutica) em um ambiente escolar. O nosso objetivo é poder compartilhar sucintamente nossa pesquisa diante dessa temática, já que é uma prática ainda desconhecida e existe uma escassez de pesquisas sobre o assunto.

 Através do trabalho realizado pelo acompanhante terapêutico e observações feitas, este vem a contribuir juntamente com o psicoterapeuta para o levantamento de questões pertinentes na melhora do sujeito em sua inclusão no contexto escolar dentre outros contextos e mesmo com as limitações, mostrar que há possibilidades de viverem em sociedade como qualquer indivíduo.

De acordo com Wolffenbuttel (2011) o acompanhante terapêutico é definido por vários espaços, como em seu ambiente escolar, hospitais, contexto clínico, em sua própria residência dentre outros, onde sua intervenção é complementar a psicoterapia, o objetivo do AT vai depender da demanda apresentada de cada paciente. Os aspectos singulares, entretanto, geralmente estão marcados em uma finalidade mais ampla, que foca na reintegração do paciente com seu meio social, em que ele foi privado devido ao diagnóstico e suas limitações.

O acompanhamento terapêutico nos dias de hoje pode produzir benefícios para diversos tipos de necessidade, desde os casos leves até os mais graves e que referem dificuldades em suas atividades do dia-a-dia. O acompanhante terapêutico vem auxiliando o terapeuta, entrando em cenário e fazendo um acompanhamento mais incisivo com o paciente, e a partir desse acompanhamento oferecendo a equipe terapêutica informações do paciente que não foram revelados durantes as sessões na clínica e que pode ser de extrema importância para o terapeuta formular intervenções que possa trazer benefícios para o acompanhado. O AT vem exercendo um papel importante, pois coloca em prática as estratégias pensadas pelo terapeuta na psicoterapia, e com um significante aumento na probabilidade desse sucesso (WOLFFENBUTTEL, 2011).

Segundo autora Tezelli (2008) na inclusão escolar é necessário que se tenha um profissional especializado, nomeado como Acompanhante Terapêutico. Nessa inclusão ocorre a prática que se preocupa com a participação de todos os alunos presentes nas escolas, visto que é dever da Instituição de ensino adaptar a estrutura física e curricular para acolher essa diversidade de alunos.

O Acompanhante Terapêutico é um profissional que atua no âmbito escolar, tendo o papel de intermediar a relação aluno-professor, atuando como intérprete e tradutor para o aluno que está sendo acompanhado, finalizando sua intervenção no momento em que a sala de aula se torna um ambiente acolhedor para determinada criança. O Acompanhante Terapêutico pode ser um parceiro na inclusão escolar. Porém, essa proposta de parceria é atribuída a casos que necessitam de um manejo específico, como as crianças diagnosticada com transtornos globais (TEZELLI, 2008).

O trabalho do AT é estimular a criatividade, capacidade e autonomia do aluno, não lhe dando as respostas e sim, o ensinado os meios para suas determinadas atividades, como a modelagem e outras técnicas usadas por terapeuta analítico comportamental. É muito importante que o paciente tenha a oportunidade e capacidade de discriminar seus próprios gostos e preferências, o fato de incentivar sua autonomia é para que não haja uma relação de dependência entre o paciente e o acompanhante terapêutico (WOLFFENBUTTEL, 2011).

Podemos deliberar que o acompanhante terapêutico (AT) analítico comportamental pode ser indicado em casos de déficits graves, onde não esteja conseguindo lidar com as contingências aversivas presente em seu ambiente, o AT de forma intensiva vai observar o paciente em sua singularidade e logo depois repassar para o terapeuta o repertório observado, e a partir dos fatos realizar a intervenção de acordo com a queixa apresentada. O AT no contexto em que se encontra, sendo ele profissional ou estudante, sua real função não é avaliar o caso e decidir qual o procedimento a ser aplicado na intervenção, suas atividades são implicadas e subordinadas ás decisões elaboradas por profissionais da equipe que estão encarregados por resolver o caso.

O objetivo geral do seguinte estudo é compreender o papel do acompanhante terapêutico no contexto escolar de acordo com a análise do comportamento. Mais especificamente, descrever as práticas profissionais do acompanhante terapêutico, sua origem; apresentar a relação do acompanhante terapêutico em análise do comportamento; analisar o papel do AT no ambiente escolar no processo de inclusão. O presente estudo tratou-se de uma pesquisa qualitativa bibliográfica no acervo eletrônico, onde em sua metodologia foram verificados os procedimentos de busca, critérios de seleção e o material selecionado para analisar os dados da pesquisa. As bases de dados para a pesquisa foram: SCIELO; PEPSIC; REDALYC; CAPES; BIREME; Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva; Portal Regional da BVS; revistas perspectivas em Análise do Comportamento; Revista Brasileira de Análise do Comportamento; Coleções: Sobre Comportamento e Cognição e Comportamento em Foco. Também, por sua grande relevância para a psicologia, foi utilizado o livro: Clínica de Portas Abertas. Assim, foram encontrados alguns resultados, dentre eles: o papel do acompanhamento terapêutico dentro das instituições estabelecidas.

**2.DESENVOLVIMENTO**

**2.1PAPEL DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO: HISTÓRIA E CARACTERIZAÇÃO**

Para Zamingnani, Wielenska (1999) o termo acompanhante terapêutico (AT), teve sua origem no final da década de 1960, na Argentina e algumas equipes de profissionais de saúde mental naquela época, criaram comunidades terapêuticas- programas terapêuticos institucionais que diferenciava do modelo de internação ou asilo que fortalecia naquele tempo, dentre essas comunidades criada foi que brotou o papel do auxiliar terapêutico.

Com as finalidades das comunidades terapêuticas, os nomeados auxiliares psiquiátricos, passaram ser procurados para trabalhos particulares, que ocorria nas residências dos pacientes, como uma forma alternativa à internação psiquiátrica, e originando-se hoje como acompanhante terapêutico (IBRAHIM, 1991; MAUER; RESNIZKY, 1987)

Nas décadas de 1960 e 1970, começaram a se expandir as explicações de análise do comportamento a problemas humanos, ao que se nomeava a modificação de comportamento daquele indivíduo.

 .... Os “modificadores de comportamento” não só se baseavam na sua prática terapêutica no conhecimento já elaborado por pesquisas básicas, mas também eram produzidas pesquisas destacando problemas considerados clínicos (...). “Três aspectos que marcou na proposta de atuação foram: I –Parecia provável a transposição do modelo de laboratório para situação clínica, II – Pretendia-se atender à população cientifica com rigidez na produção de conhecimento e III - Pretendia-se receber os pacientes promovendo melhoras significativas. ” (GUEDES, 1993, pp. 81).

Com o desenvolvimento dos trabalhos em instituições, comunidades e hospitais, os modificadores de comportamentos passaram a treinar pessoas nomeadas como para profissionais (estudantes, professores e os pais), onde aplicavam técnicas de comportamentos em programas terapêuticos. E o objetivo era favorecer o atendimento aos seres humanos que por várias razões como (dificuldades de locomoção, econômicas, insuficiência de profissionais disponíveis etc.), manterão a margem dos serviços de saúde mental (GUERRELHAS, 2007).

Os analistas do comportamento em meados da década de 1980 passaram a assumir uma prática terapêutica de consultório com relevância significativa. (GUEDES, 1993) Com isso, as intervenções institucionais (manicômios) e nas comunidades foram menos focadas, após este período houve um menor interesse na discussão sobre a função do paraprofissional ou de profissionais que exerciam papeis equivalentes.

A década de 1990 iniciou-se com o retorno dos analistas comportamentais em seu contexto de atuação que antigamente despertaram seu interesse pela mudança de comportamento e sofreram com as críticas, tendo como um dos fatores responsáveis por este movimento o impacto sobre a comunidade profissional de psiquiatras, censurando os resultados da aplicação de técnicas comportamentais no tratamento de diversos transtornos. Apesar disso, na atualidade, com a grande aceitação das propostas terapêuticas de base comportamental e cognitiva, os profissionais da análise do comportamento voltaram a atender indivíduos com déficits psiquiátricos graves (GUEDES, 1993).

Essas propostas de caracterizam-se por trabalho intensivo, de cunho multiprofissional, realizado em instituições e / ou ambiente natural do cliente. Nesse contexto, passou a ser novamente necessário o trabalho de agentes terapêuticos que completassem o trabalho das equipes terapêuticas, principalmente para atuação em contexto extra consultório, como é o caso dos acompanhantes terapêuticos.

Segundo os autores Londero, Pacheco (2006) o trabalho do acompanhante terapêutico surgiu como uma necessidade clínica, na Argentina no final da década de 1960, onde a pratica terapêutica clássica veio ao fracasso, pois eram nomeados de “amigo qualificado”, e com o passar do tempo esse termo caiu em desuso pelo seu conteúdo pouco profissional e amistoso. O acompanhante terapêutico não poderia estabelecer um vínculo de amizade, por mais que conseguisse ter uma relação afetiva e intensa com os pacientes, o AT teria sim que ser tratado como um agente terapêutico que realiza seu trabalho e é financeiramente remunerado para realizar seu papel.

Outros fatores se tornaram decisivo para o trabalho do AT, surgiram com os movimentos antimanicomiais e a antipsiquiatria que foram difundidos pela Europa dentre as décadas de 1950 e 1960 e com isso veio o momento e o contexto que surgiu na Inglaterra, EUA e na Alemanha que foram nomeadas como “comunidades terapêuticas”. “ O objetivo dessas comunidades era buscar novas formas de relação com a loucura, criando ambientes de acolhimento” concebidos como refúgio onde o poder e a verdade de contestação contida no discurso louco poderiam ser reconhecidos”. (IBRAHIM, 1991).

No Brasil, no final da década de 1960, os ideais da antipsiquiatria começaram a tomar corpo com o surgimento das primeiras comunidades terapêuticas no Rio de Janeiro, São Paulo e porto Alegre. Nessas instituições, o recurso de acompanhamento terapêutico começa a ser utilizado e exercido por jovens, geralmente universitários. Esses “seriam capazes, sem ter que se preocupar com o futuro na carreira de enfermagem, de se permitir aproximação e a experiência dos pacientes desintegrados. ” Tais profissionais foram denominados de “auxiliares psiquiátricos” (IBRAHIM, 1991, pp.23).

O auxiliar psiquiátrico naquele tempo tinha como área de trabalho o indivíduo dentro da instituição e eles próprios participavam de todas as atividades relacionadas ao paciente durante seu cotidiano, tanto no regime hospitalar quanto a internação. As atividades dos auxiliares psiquiátricos consistiam em coordenar, junto aos outros profissionais, e também as atividades desenvolvidas como, por exemplo, realizações de festas, vários jogos, atividades diárias, etc. Contudo, com a política do regime militar de privilegiar a internação asilar em detrimento de diversos tipos de classificações de tratamento da loucura, e que depois veio a ocorrer o declínio das comunidades terapêuticas, e com esse declínio ocasionou que os auxiliares terapêuticos perdessem sua funcionalidade de sua área de trabalho, pois remunerá-los tornou-se inviável para algumas instituições, e mesmo com essa situação, auxiliares psiquiátricos passaram a ser solicitados para trabalhar em ambientes particulares como na residência do paciente, com isso o acompanhamento passou a ocorrer na residência do próprio indivíduo e isso veio a proporcionar um contato direto com o cotidiano e o universo familiar (IBRAHIM, 1991).

Os autores Londero; Pacheco (2006) ressaltam as condições necessárias para tornar se um acompanhante terapêutico, entre diversas características, dá se como essencial a fundamentação teórica e ética, sendo necessário, para dar assistência ao paciente, manter um grau de comprometimento e ter interesse por estar trabalhando junto com a equipe, já que o acompanhante não trabalha individualmente, sempre requer uma equipe multidisciplinar nesse contexto, exige se também uma maturidade, capacidade de empatia, flexibilidade de estabelecer limites fortes, capacidade de conciliar a teoria com a prática, um ponto importante a se destacar é a ausência de preconceitos e estereótipos.

A partir da análise do contexto histórico em que o acompanhante terapêutico foi criado, podemos perceber que sua base teórica fundamental foi a psicanálise, principalmente no que se refere à etiologia das patologias, especialmente aquelas vinculadas à psicose.

Kanfer e Philipps (1970) explanaram sobre a proeminência e importância da programação do ambiente para a modificação do comportamento do paciente, deixando claro para o sujeito o trabalho que vai ser realizado em seu ambiente real. Como o comportamento vem da interação organismo-ambiente, deve constar que nesse planejamento do contexto social, onde o sujeito está inserido, possa realizar essas modificações de comportamento em ambos.

 Ressaltaram que a conservação dos comportamentos almejáveis e a sua generalização são avivadas quando a intervenção acontecia em sua residência, na escola e em instituições em que o paciente existia. A inserção do acompanhante terapêutico é uma insinuada proposta relativamente atual e está se tornando foco nas pesquisas cientificas, que com o passar do tempo vem crescendo significadamente, abrangendo diversas atuações e áreas da saúde.

Apesar disso o exercício do AT não apenas transcende a terapia de gabinete, onde se limita apenas no consultório como era conceituado no seu início, mas também se dispõe a intervir no ambiente do ser humano em seu mundo real onde estão oferecidos os reforçadores necessários para a aprendizagem de novas habilidades obtendo contingências de reforço (GUEDES, 1993).

Para os autores Zamignani, Kovac & Vermes, (2007) a temática que vem recomendar o acompanhante terapêutico em campo de atuação se apresenta na falta de consonância entre as teorias, e seu julgamento ainda não conseguiu um consenso científico. Pesquisadores abordagens teóricas distintas, especialmente desde a década de 1980, abancaram a se zelar pela temática, apesar de existir produções datadas da década 60.

Pitia & Santos (2005) relatam que o acompanhante terapêutico transformou-se em um forte congregado no desenvolvimento dos vínculos sociais e na ativa participação na promoção da qualidade de vida e autonomia do paciente que estava comprometido por problemas de saúde, onde estaria sendo afetado as suas capacidades de permanecer no trabalho, ou em outros tipos de atividades, no estudo ou mesmo de poder manter uma família, prejudicando o tanto física quanto emocional e psicologicamente, e o principal, não está dando conta de si mesmo.

**2.2 RELAÇÃO DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO**

De acordo com os autores Kovac, Pereira, Almeida, Cassas, Zamignani, (2007) o acompanhante terapêutico (AT), tem sido bastante requisitado no tratamento de pacientes com transtornos globais que não estão conseguindo realizar suas atividades cotidianas. Sendo assim o terapeuta dirige uma intervenção de caráter intensivo com o auxílio do AT, que vai entrar em contato com o ambiente real do acompanhado.

O principal objetivo dessa modalidade de intervenção no contexto escolar é o desenvolvimento de repertórios comportamentais necessários para a reinserção social do indivíduo e para uma interação mais satisfatória com o ambiente que está inserido; ela se dá por meio da aplicação de técnicas no ambiente natural do paciente com uma extensa estratégica terapêutica.

Segundo os autores Kovac, Pereira, Almeida, Cassas, Zamignani, (2007) dependendo da demanda analisada pelo psicoterapeuta, existe casos que precisam de muitas horas semanais de trabalho com o acompanhante terapêutico. Outras vezes, para minimizar os custos, viabilizam o tratamento com acompanhantes terapêuticos, com estudantes ou paraprofissionais que são integrados na equipe.

A análise do comportamento é uma das abordagens vista em psicologia que se propõe a esclarecer e realizar interferência sobre o comportamento do ser humano a partir da relação do indivíduo com o ambiente. Sempre confiando na capacidade do sujeito que está em constante relação com o mundo que o cerca e que, nessa relação sucessiva, se dá um lento e complexo processo de aprendizagem, o qual procede em formas particulares daquele sujeito ao responder aos mais múltiplos aspectos do ambiente. Sendo assim, adquirimos um repertório de comportamentos único e em contínuo processo de modificação (KOVAC, PEREIRA, ALMEIDA, CASSAS, ZAMIGNANI, 2007).

Ao passar dos anos, a cada nova interação com o ambiente, vem surgindo inovações e formas de ação que são exigidas, de modo que o indivíduo esteja apto a interagir com um mundo em constante modificação. Atuar com base na análise do comportamento, significa focar, analisando as contingências presentes no repertorio de vida do paciente, na análise dos problemas e na sua intervenção sobre a relação estabelecida entre o acompanhado e o seu ambiente.

Por razões epistemológicas e teóricas, há uma forte convenção da prática do analista do comportamento com o acompanhante terapêutico nessa atuação direta no ambiente natural que o paciente vivencia em suas atividades diárias. Com o resultado do acúmulo de conhecimento sobre o comportamento humano e sobre a prática em atendimento extraconsultório, sendo assim, o analista do comportamento monta ferramentas bem estabilizadas para que o AT observe e registre o comportamento do sujeito que está em processo de observação , bem como de procedimentos terapêuticos para promoção de alívio de sofrimento e desenvolvimento de repertórios comportamentais que produzam melhor qualidade de vida dos pacientes que sofrem com transtornos globais (KOVAC, PEREIRA, ALMEIDA, CASSAS, ZAMIGNANI, 2007).

**2.3 PAPEL DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NO CONTEXTO ESCOLAR NO PROCESSO DE INCLUSÃO**

Segundo a autora Brito, (2003) os aspectos educativos não podem ser esquecidos durante a metodologia aplicada de acompanhamento, pois entendemos que para educar necessitamos determinar a maneira e a causa do saber**,** focar no proposito que vai ser ensinado para o aluno. Pensando nesse proposito, precisamos então ter conhecimento acerca das consequências decorrentes do aprender,do mesmo modo, o programa e o ensino do aluno envolvem mais do que os contextos acadêmicos, pois temos que entender a criança como um todo, cultivando sua desenvoltura, atitudes e informações que vem aprendendo ao longo do processo, porque tudo que envolve o aluno é importante e necessário para sua inclusão tanto no contexto escolar quanto na sociedade de modo geral.

As instituições educacionais devem fornecer aos alunos uma oportunidade de se encontrar e partilhar experiências, podendo assim, aprender consequências, que venha constituir um panorama extenso de ocasiões para sujeitos com ou sem limitações. O trabalho do AT torna-se importante para crianças com desenvolvimento limitado, dificuldades em relacionamentos sociais, emocionais, de comunicação e motora. Para o acompanhante terapêutico é de suma importância que estabeleça um bom vínculo com a criança, os pais e a escola; e que tenha um repertório conceitual teórico básico acerca das teorias estudadas, e que delineie uma linha de base; apresentando um comportamento inventivo frente a circunstâncias inusitadas que aparece no ambiente presente, sendo assim, que desenvolva elevada resistência às frustrações encontradas no caminho (BRITO, 2003).

É formidável que o AT conheça a rotina escolar do aluno e se adapte aos trabalhos executados em sala de aula conforme as necessidades individuais; tenha um repertório lúdico e execute instruções de intervenção complementares ao atendimento psicoterápico onde trabalham juntos para melhora do sujeito em acompanhamento, acreditamos na importância do Acompanhante Terapêutico como agente propiciador de motivação no procedimento de ensino- aprendizagem (BRITO, 2003)

De acordo com a autora Brito, (2003) é complicado o processo de aprendizagem e principalmente para essas crianças que já possuem um diagnóstico, que aconselha um cuidado a mais com as mesmas que sofrem com suas limitações diante da dificuldade de aprendizagem, sendo assim, findamos que no trabalho do AT é extremamente enriquecedor que o profissional busque recursos pedagógicos diferenciados e alternativos que produzam a essa criança a apreender de uma forma mais eficaz os conteúdos pedagógicos delineados pelo âmbito acadêmico, utilizando-se de materiais que reforcem e estimulem essa aprendizagem. O AT poderá hierarquizar uma classificação de reforçadores para auxiliar nesse procedimento, como por exemplo: brinquedos, miniaturas, livros infantis, sempre levando objetos que o aluno se identifique.

Segundo Araripe, (2012) o AT tem que sempre está buscando reforços como elogios e/ou objetos que agradem o aluno, podendo incentivar a cada comportamento e aprendizagem que avalie como positivo. É nessa interconexão do papel do professor e na necessidade de expandir as probabilidades de conhecimentos das crianças com dificuldade que estão inseridas com AT no campo escolar. Nessa instituição acadêmica, o acompanhante terapêutico surge relacionado à demanda de que o AT possa responder pela atitude e pela educação que está tomando à frente da criança ainda não ajustada ao universo escolar no qual se encontra não sabendo lidar com as suas limitações apresentadas.

Assali (2006) afirma que, na atualidade, a inserção do acompanhante terapêutico na sala de aula propõe-se na reintegração do paciente aluno em seu meio social, com a criação de uma ponte entre estes sujeitos e os problemas que aversivos que possam enfrentar em seus vínculos sociais. O exercício praticado é cada vez mais nas instituições escolares privadas, e que tais educadores estão na escola para resolver um problema sistêmico, relacionado às dificuldades dos educadores e do campo escolar como um todo para estar lidando com o processo de inclusão, no qual se tornou imprescindível para a escola há alguns anos.

**3.METODOLOGIA**

A metodologia utilizada na confecção deste estudo foi a pesquisa qualitativa na modalidade pesquisa bibliográfica.

Segundo Gil (2010) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de trabalhos já elaborados, constituindo-se, principalmente a partir de artigos científicos e livros, grande parte dos estudos se baseiam em trabalhos dessa natureza, onde há pesquisas exclusivamente desenvolvidas através de fontes bibliográficas. A maioria dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, sendo assim, como certo número de pesquisa que são desenvolvidas a partir de técnicas de análise do conteúdo.

A pesquisa terá uma abordagem qualitativa segundo Prodanov (2013), nessa abordagem, a pesquisa tem o ambiente como uma fonte bem direta dos dados, o pesquisador vai manter diretamente um contato direto com o objeto de estudo em questão e com o ambiente, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo, as questões nesse caso vão ser estudadas no ambiente em que elas vão se apresentar sem nenhuma intencional manipulação do pesquisador. Os dados que vão ser coletados nessas pesquisas são descritivos e retratando em absoluto número possível de elementos ali existentes na realidade e estudados.

Prodanov (2013) relata que o tipo de abordagem utilizada na pesquisa dependerá dos interesses do autor (pesquisador) e do tipo de estudo que ele desenvolverá. É importante acrescentar que essas duas abordagens estão interligadas e complementam-se.

 Podemos considerar pesquisa como a busca de conhecimentos, procurando assim respostas para indagações propostas. Para Prodanov(2013, p.44):

Pesquisa é, portanto um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, as quais têm por base procedimentos racionais e sistemáticos. A pesquisa é realizada quando temos um problema e não temos informações para solucioná-lo.

Foi então realizada uma investigação bibliográfica envolvendo as produções relacionadas ao assunto estudado, através de um levantamento em fontes de dados seguras.

Para a seleção do material a ser utilizado nesta pesquisa bibliográfica foram utilizados os seguintes descritores: Acompanhante terapêutico, Análise do comportamento e Psicologia Clínica, possuindo os seguintes aspectos: artigos e livros que abordem a temática proposta e possuam dados consolidados e aprovados. Sendo excluído assim da pesquisa documentos e artigos incompletos, documentos e artigos fora do tema pesquisado.

Após a seleção esses documentos e artigos foram impressos para a leitura atenta sempre percebendo os que estão enquadrados na temática e que contemplem o objetivo inicial proposto neste trabalho cientifico.

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa ansiou realizar uma revisão sistemática da literatura acerca da temática o papel do acompanhante terapêutico no contexto escolar de acordo com análise do comportamento. Tendo em vista, o apanhado contextual exposto verifica se a responsabilidade e seriedade considerada ao efetivo trabalho do acompanhante terapêutico no processo de desenvolvimento e autonomia do aluno inserido no contexto escolar, tendo, portanto, o AT como modelo às diversas propostas usuais no contexto da clinica convencional, a demanda desse profissional é realizada pelo Psicoterapeuta a partir de uma avaliação, que demanda um trabalho bem mais intensivo por estar acompanhando o paciente fora do ambiente clínico em casos de déficits onde o sujeito precise de acompanhamento.

A atuação do acompanhante terapêutico expandiu-se saindo do campo da psiquiatria, do acompanhar o “doente mental” para diversos contextos, como atuar no ambiente real do paciente, em suas relações sociais, intermediando nas relações com o outro, agindo como intérprete e tradutor do indivíduo acompanhado, tornando o ambiente afável. Com isso, é possível visualizar o acompanhante terapêutico como um parceiro na inclusão do sujeito a que se refere, contribuindo para a ampliação das possibilidades de intervenção que se relaciona aos territórios terapêuticos disponíveis no ambiente extra consultório, atuando ainda como agente facilitador no processo, auxiliando o individuo em situações limites, o AT atua ainda como modelo de comportamento para seu paciente. Apesar disso, o reconhecimento da importância do acompanhante terapêutico, assim como a divulgação de seu trabalho ainda é incipiente, observa-se a dificuldade de se encontrar material disponível na língua portuguesa para dar suporte a esse profissional que desempenha importante papel na socialização e autonomia daqueles que carregam consigo o estigma da exclusão de uma forma bastante extensa.

A realização do trabalho foi de suma importância para o crescimento profissional, tornando assim gratificante contribuir de maneira significativa para demais profissionais e estudantes interessados no tema em questão. Os reforços da realização desta pesquisa foram necessários, principalmente por que trazerem considerações sobre (AT) acompanhante terapêutico que vem se tornando um componente essencial para contribuir com o psicoterapeuta no auxílio e reintegração desses alunos com déficits graves, sofrimentos aversivos presente em seu ambiente real e fornecendo a possibilidade de reinserção dos mesmos na sociedade.

**5.REFERÊNCIAS**

ASSALI, A. M. **Inclusão escolar e acompanhamento terapêutico: possibilidade ou entrave?** Psicanálise, Educação e Transmissão, São Paulo, v. 6, 2006.

FREITAS, E. C. PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho cientifico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** Rio Grande do Sul, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUEDES, M. L. **Equívocos na terapia comportamental.** Temas em Psicologia, 2, 81- 85.1993

GUERRELHAS, F. **Quem é o acompanhante terapêutico: história e caracterização. A clínica de porta abertas.** Paradigma – Núcleo de Análise do Comportamento, ESETec editores associados, pp. 33, 2007.

IBRAHIM, C. **Do louco à loucura: o percurso do auxiliar psiquiátrico no Rio de Janeiro.** Em Equipe de acompanhantes terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Org.), A rua como espaço clínico. São Paulo: Escuta. pp.43-49, 1991.

KANFER, F. H., & PHILLIPS, J. S. **Os princípios da Aprendizagem na terapia comportamental.** São Paulo: E.P.U, v. III. 1970.

KOVAC, R.; VERMES, J. S.; ZAMIGNANI, D. R. **O mundo como setting clínico do analista do comportamento.** Paradigma, São Paulo – SP, 2007.

LONDERO, I.; PACHECO, J. T. B. **Porque caminha ao acompanhante terapêutico? Uma discussão considerando a perspectiva de psicólogos e psiquiatras.** Psicologia em estudo, Maringá, vol. 11, pp. 259 – 267, 2006.

PITIA, A. C. A. & SANTOS, M. A. **Acompanhamento terapêutico: a construção de uma estratégia clínica.** São Paulo: Vetor, 2005.

WOLFFENBUTTEL, L. N. **O acompanhante terapêutico na atualidade: Algumas funções,** 2011. Disponível em< http://siteat.net/2011/03/23/laura/> Acesso em: 25/11/2015.

ZAMIGNANI; KOVAC; VERMES. **A clínica de portas abertas. Paradigma – Núcleo de Análise do Comportamento**, ESETec editores associados, 2007.

ZAMIGNANI, D. R. & WIELENSKA, R. C. **Redefinindo o papel do acompanhante terapêutico. Sobre comportamento e cognição: psicologia comportamental e cognitiva - da reflexão teórica à diversidade na aplicação.** Santo André: Arbytes. 1999, pp. 157-165.